



VIANA CUMPRE-SE EM FESTA VIANA ACCOMPLISHED IN FESTIVITIES



Decerto não há cidade alguma em Portugal cujas festas tenham o sentido pleno, a um tempo denso e exaltante, que em Viana têm as Festas da Senhora da Agonia. Sobretudo desde o último quartel de Oitocentos, falar de Viana é antes de mais nada falar das suas Festas. Nelas projectou a Cidade uma contínua e obsessiva vontade de afirmação histórica e um sempre renovado desejo de progresso.

Por largo tempo contidas às portas de Viana, as Festas da Agonia eram, por essa época, uma imponente feira que nos espaços contíguos à igreja da Agonia misturava os mais efervescentes e capitosos sabores: o ar empertigado dos burgueses com um povinho de pescadores e camponeses, muitos dos quais vinham a banhos; os foguetes, os zabumbas e as tocatas com as melancias, o gado vacum e cavalar e os comes e bebes; os repiques dos sinos e as touradas com os cabeçudos e os derriços de namorados; os acordes dos harmónios e das concertinas com os volteios de dança e os descantes.

Em finais do século XIX, a Romaria da Agonia espraia-se pelas margens do Lima e chega ao centro da Cidade, à Praça da Rainha. Ganha a sociedade elegante do Jardim Público, que pavoneia a sua “superioridade” em passeatas ribeirinhas, regatas e provas hípicas. E, num repente, as elites locais, tanto políticas como culturais, convertem-na num insubstituível instrumento de afirmação de Viana no contexto regional, e também numa majestosa liturgia de afirmação social, com a sociedade vianense posta em sossego, frente à imagem da sua rigorosa



For sure there is no other town in Portugal with festivities reaching the comprehensive sense, at a time dense and exciting, that Viana’s Lady of Agonia Festas do. Especially since the last quarter of the Eight-hundreds, speaking of Viana has been, first of all, speaking of its Festas. The Town projected on them a continuous, obsessive wish for historic confirmation, and a permanently renewed desire of progress.

Restricted to the entrance of Viana for a long time, Festas da Agonia were then an impressive market in which the most frantic, heady flavors were mixed on the spaces surrounding Agonia church: the proud look of bourgeois with a crowd of fishermen and peasants, many of them coming for a bath; rockets, bass drums and music with watermelons, bovine and equine cattle, food and drink; bell ringing and bullfights with big-headed puppets and flirting lovers; chords of harmonium and concertina with songs and dance whirls.

By the end of the 19th century, the Pilgrimage of Agonia spread to the Lima banks and reached the very center of town, Queen’s Square. They conquered the refined society of the Public Garden, who displayed their “superiority” walking by the riverside or joining regattas and horse contests. Suddenly, local political and cultural elites converted the Pilgrimage in an irreplaceable instrument of Viana’s evidence in the regional context, and also in a majestic liturgy of social demonstration; so, vianese high society faced quietly the image of their rigorous statute, with places, power and social privileges



ordenação, com os lugares, os poderes e as prerrogativas sociais distribuídos segundo uma hierarquia estrita.

Periférica em termos nacionais e acertando o passo, no contexto regional, por cidades de maior dimensão, de pequena malha urbana, de reduzidos recursos económicos e com uma endémica sangria emigratória, Viana só se fez verdadeiramente grande nas suas Festas e por via delas. As Festas da Agonia são a rebelião de uma Cidade contra um destino comum.

Vogando tantas vezes como pequena nau num mar de tormenta, Viana atravessou ciclos de retracção e de crise: viveu em sobressalto a Revolução Liberal e o estertor da Monarquia e os altos-e-baixos da República; sentiu na carne os apertos provocados pela instalação do Estado Novo; estremeceu e duvidou com as sombras da Guerra Civil Espanhola, da II.^a Guerra Mundial e da Guerra em África; hesitou com o 25 de Abril. Mas não mais pôde dispensar as suas Festas: à agonia da noite mais escura, Viana sempre soube arrancar a clara luz de uma “senhora da alegria”. Nas suas Festas e através delas é que Viana vive.

Foi o imaginário festivo que fez a Viana moderna. No sonho, na emoção estética e na magia da Romaria da Agonia construiu Viana a sua identidade, a de uma princesa, que ao mundo se dá em festa, vestida de lavradeira. Quando o presente parecia não comportar qualquer ideia de futuro, Viana fez-se forte através de uma geografia de lugares do passado: os seus costumes rurais e marítimos, os trajes tradicionais, os cantares e as danças populares. E à falta de outros recursos, sobraram os naturais. Para ganhar o mundo, Viana contou com o mar, o rio, a montanha e as suas mulheres, resplandecentes de ouro e de pano polícromo. As Festas da Agonia surgiram então como o emblema, o chamariz e a vitrina da Cidade e da região de Viana do Castelo. As Festas são Viana em festa, mas são sobretudo a porta aberta da região de Viana para o mundo.

Quando nos anos trinta do século XX, o Estado Novo projectou a ideia de um país que era um puro passado, um país antigo, cristão, tradicional e humilde, feito de temperamento rural e, paradoxalmente, herdeiro de um destino colonial e de uma missão civilizadora, Viana viu aí o seu destino e calçou-o como uma luva, exibindo-se perante a nação como sua metáfora, e simultaneamente como sua metonímia. Se o país se projectava no seu passado, a ponto de toda a sua grandeza constituir uma espécie de repetição do já feito e do já sido, Viana em festa era o

distributed in accordance with a strict hierarchy. At a national scale, Viana was a peripheral town with a small urban area, low economic resources and an endemic loss of people for emigration reasons. Though matching towns with a bigger dimension in the region, Viana managed to become really noteworthy with and through its Festas alone. Festas da Agonia worked as the rebellion of a Town against a common fate.

Viana drifted many times like a small boat on a raging sea, crossing cycles of retraction and crisis: it went through the startling Liberal Revolution, the agony of Monarchy and the ups and downs of Republic; painfully experienced the oppression caused by the instauration of the New State; staggered and was fearful with the shadows of the Spanish Civil War, the 2nd World War and the War in Africa; hesitated with the 25th of April Revolution. But Viana could never dispense with its Festas: Viana always managed to take the clear light of a “lady of joy” out of the agony of the darkest night. Viana lived in and through its Festas.

The ideal of the Festas modernized Viana. Through the dream, the aesthetic emotion and the magic of Agonia Pilgrimage, Viana developed its identity, that of a princess offering herself to the world dressing like a farmer. When time seemed not to promise any hope of future, Viana became strong thanks to a geography of past scenes: its rural and marine uses, traditional costumes, popular tunes and dances. In default of other resources, the natural ones were more than enough. To conquer the world, Viana counted on the sea, the river, the mountain, and its women, shining under their gold and multicolored clothes. Agonia Festivities were then the symbol, the enticement and the showcase of Viana do Castelo Town and region. The Festas meant Viana in merriment but they were, above all, the door of Viana region open to the world.

When, in the years thirty of the 20th century, the New State devised the idea of a country made merely of past, an old, christian, traditional, humble country, composed of rural nature and, paradoxically, heir of a colonial destiny and a civilizing mission, Viana saw its opportunity in it and “put it on” like a glove, presenting itself to the nation as its metaphor and, simultaneously, its metonymy. While the country mirrored itself in the past, to a point that all of its grandeur was a kind of reconstitution of what had already been and been done, Viana in festa was the living example of that tradition: on one hand, it



exemplo vivo dessa tradição: por um lado exaltava a *concordia* de um “país-aldeia-rural”; por outro lado, figurava o *imperium* dos novos mundos que a “pequena casa lusitana” dera ao mundo. Viana em festa foi então a dona de casa rural com “sonhos de caravelas”, que o regime fantasmara. E o país, que pelos baús procurara as suas raízes, aplaudia, em apoteose, essa imagem que de si mesmo era dada em Viana. Nas paradas folclóricas, etnográficas e históricas, em cortejo pelas ruas ou em desfile em cima dos palcos, Viana era o país.

Foi nesses anos que as Festas da Agonia se impuseram como a “romaria das romarias de Portugal” e Viana como “a capital do folclore”. Simultaneamente metáfora e metonímia do país, Viana não mais poderia deixar de se cumprir em festa.

enhanced the harmony of a rural-village-country; on the other hand, it configured the empire of the new worlds that the “small Portuguese home” had given the world. Festive Viana was then the owner of a rural house with “dreams of caravel”, as fancied by the regime. And the people, who had been looking for its roots inside trunks, applauded apotheotically that image of itself that was shown at Viana. In folkloric, ethnographic and historic parades, defiling along the streets or on stages, Viana was the country.

In those years, Festas da Agonia asserted themselves as “feast of feasts in Portugal”, and Viana as “capital of folklore”. Metaphor and metonymy of the country at the same time, Viana couldn’t avoid being accomplished in festa any longer.

